

“A coruja não agoura: o que ela faz é saber os segredos da noite”, escreveu João Guimarães Rosa (1908-1967) no romance Grande sertão: veredas, de 1956. O estudo das corujas, que fazem parte do imaginário das pessoas há séculos, vem revelando aspectos importantes de sua biologia e informações valiosas sobre comportamento animal. Essas aves são mais conhecidas por serem caçadoras noturnas de grande habilidade. No entanto, há corujas que caçam durante o dia; nem todos os dias são do caçador.

Filipe Cristovão Ribeiro da Cunha

*Programa de Educação Tutorial (bolsista),
Departamento de Ciências Biológicas,
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais*

Marcelo Ferreira de Vasconcelos

*Departamento de Zoologia,
Instituto de Ciências Biológicas,
Universidade Federal de Minas Gerais*

Gustav Valentin Antunes Specht

*Grupo de Pesquisa – Conservação,
Ecologia e Comportamento Animal,
Pontifícia Universidade Católica
de Minas Gerais*



Caburé (*Glaucidium brasilianum*)

Alerta vermelho! Caburé na área!

As corujas são aves de rapina presentes na mitologia antiga, nas lendas de muitos povos e nas mais diversas histórias populares. Os antigos gregos consideravam a coruja uma ave sábia, por ser a mascote da deusa da razão e da sabedoria, Athena. Ainda hoje, muitas pessoas têm essa imagem, graças ao ar aristocrático, ao voo silencioso e ao olhar penetrante dessas aves. Infelizmente, elas também são vítimas de superstições: diz-se que seu canto é agouroso, ou que a quebra de um ovo por uma coruja é sinal de guerra, além de outras histórias difamantes. O interesse deste artigo, porém, não está nas lendas a respeito dessa ave.

Em sua maioria, as corujas têm hábito crepuscular e noturno. Elas são, em geral, vorazes predadoras, com visão e audição muito aguçadas. Essas curiosas aves também são muito conhecidas por sua capacidade de girar a cabeça em um amplo ângulo (270°) para melhor enxergar presas e predadores.

Uma das corujas mais comuns no Brasil é o caburé, espécie cujo nome científico, *Glaucidium brasilianum*, significa 'pequena coruja brasileira'. O caburé, no entanto, ocorre também nos demais países da América do Sul e da América Central, chegando até os Estados Unidos. Essa espécie tem hábitos curiosos. Diferentemente do que acontece com quase todas as corujas, o caburé é visto em atividade durante o dia. De plumagem pouco atrativa, essas aves marrons ou avermelhadas, com pintas brancas nas asas, são facilmente vistas empoleiradas e emitindo fortes piados em plena luz do Sol. Com apenas 17 cm de comprimento, da ponta do bico à ponta da cauda, o caburé tem pequenos olhos amarelos, encimados por uma faixa branca em forma de 'v', como uma 'sobancelha'. Um aspecto de sua plumagem chama a atenção dos observadores: em sua nuca há duas grandes manchas negras, circundadas por uma faixa branca. Por ser semelhante a dois grandes olhos, esse desenho recebe o nome de 'face occipital'.

FOTO GUSTAV SPECHT

Ao contrário do que se pensa sobre a maioria das outras espécies de coruja, o piado de um caburé é tido como sinal de sorte pelos caboclos do campo, no interior do Brasil. Essa pequena coruja alimenta-se de pequenos animais e insetos, como as outras, e mostra-se uma excelente caçadora. Outro aspecto do comportamento do caburé que chama a atenção é a reação que seus repetidos assobios, indicando sua presença em um local, provocam em outras aves.

Reconhecendo o inimigo

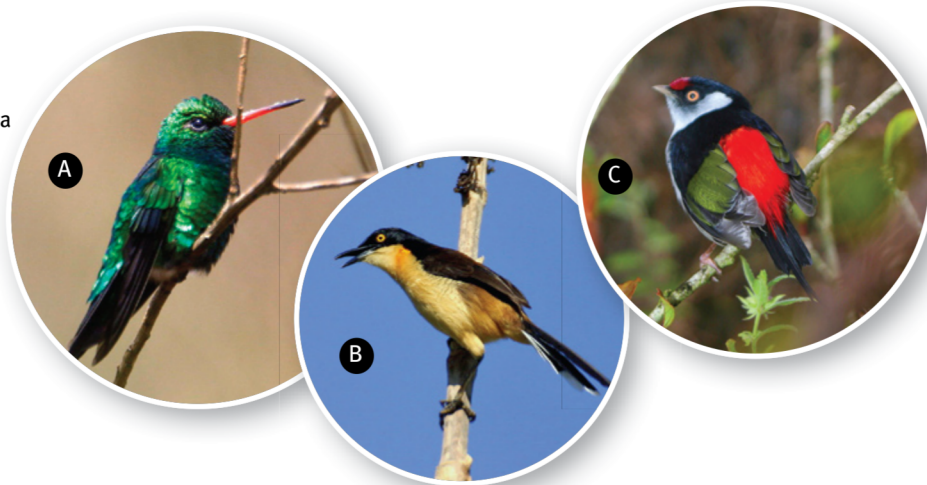
Há muito tempo as pessoas encantam-se com os cantos das aves e os estudam. Elas emitem verdadeiras melodias, muitas vezes bastante elaboradas e de grande beleza. Esses cantos melódiosos têm diversas funções (atrair parceiros, marcar território, avisar de perigos e outros) para as aves.

Algumas, além de sua habilidade como cantoras, têm boa audição, sendo capazes de reconhecer sons a quilômetros de distância. E todas usam os cantos e piados para explorar seu ambiente. Assim, além de defenderem seu território e encontrarem parceiros, as aves usam a vocalização para se defender, seja indicando aos outros a presença indesejável de um predador, seja para espantar o visitante indesejado e perigoso.

Um visitante desse tipo pode ser reconhecido por vários estímulos. Inegavelmente, porém, as aves identificam seus predadores, como as aves de rapina, pelo som. O reconhecimento de um deles desencadeia uma série de eventos. O estímulo visual é importante, mas já foi demonstrado que apenas o estímulo sonoro (como ouvir o canto da ave predadora) é capaz de provocar uma resposta da possível presa.

Algumas questões a respeito desse comportamento ainda não foram esclarecidas. Seria necessário um ▶

Durante os estudos, diversas espécies de aves foram fotografadas reagindo (incomodadas ou irritadas) à presença de um caburé ou à imitação do piado dessa coruja, como o besourinho-do-bico-vermelho (*Chlorostilbon lucidus* – A), o japacanim (*Donacobius atricapilla* – B), o tangarazinho (*Ilicura militaris* – C), o ferreirinho-teque-teque (*Todirostrum poliocephalum* – D), o rabo-branco-acanelado (*Phaethornis pretrei* – E), o balança-rabo-do-chapéu-preto (*Polioptila plumbea* – F), o beija-flor-de-fronte-violeta (*Thalurania glaucopis* – G) e o abre-asa-de-cabeça-cinza (*Mionectes rufiventris* – H)



encontro prévio, uma experiência anterior, para uma presa ser capaz de detectar um predador? Como uma ave jovem, que nunca viu um caburé, sabe que essa coruja é predadora? Estudos sugerem que uma experiência prévia é necessária para a detecção de um predador, mas não se descarta que tal capacidade seja inata em algumas aves. Ou seja, seria da natureza intrínseca de algumas aves reagir à presença de uma coruja detectando-a como um predador em potencial.

O caburé, de fato, é um inimigo em potencial de muitas aves. Por ser um hábil caçador, ele desperta entre os pássaros ao seu redor um verdadeiro ‘estado de sítio’. Estes o reconhecem mais facilmente por sua vocalização, já que a plumagem dessa coruja faz com que se confunda com o ambiente.

Atualmente, os autores desenvolvem um trabalho para determinar a capacidade de reconhecimento de predadores por aves e o comportamento exibido por estas contra um predador em potencial.

Predador versus presa

A relação predador-presa talvez seja uma das mais importantes da biologia. Foi com base nessa ‘luta pela vida’ que se esboçaram pensamentos sobre seleção natural, que culminaram na teoria da evolução biológica. A complexidade de caçar e de ser caçado está ligada a aspectos evolutivos. Uma presa não evoluirá a ponto de não ser mais caçada e o

caçador nunca será capaz de caçar todas as presas sempre que quiser (essa colocação é meramente teórica).

Existente também a influência da ‘personalidade’ dos animais, fator determinante para a adaptação a diferentes situações. Toda população exibe diferenças de personalidade: certos indivíduos são mais ‘ousados’ e outros mais ‘conser-vadores’. Pode-se dizer que existe uma linha ‘timidez-co-ragem’. Essa linha pode ser definida como a tendência mostrada por um animal de se aproximar ou não de um predador, de se arriscar ou de se esconder. Indivíduos ‘tímidos’ reagem a indivíduos e situações estranhas tornando-se quietos e vigilantes. Já os ‘corajosos’ agem de modo normal, explorando o objeto ou a nova situação.

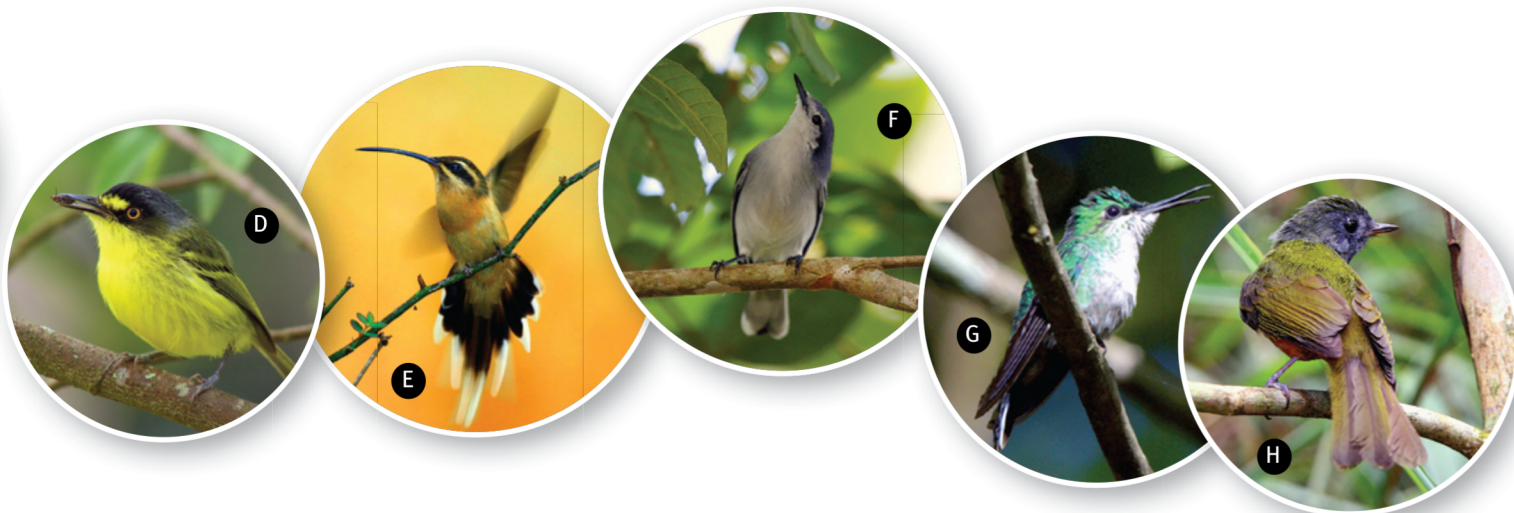
Imagine, por exemplo, um caburé que chega a um determinado local e começa a emitir suas vocalizações (algo como “uit, uit, uit”). Perto dali, um grupo de sanhaços-cinzentos (*Thraupis sayaca*) está procurando alimento, mas logo percebe a presença da coruja. Detectado o perigo, as presas em potencial têm três opções: fugir, esconder-se ou enfrentar o predador. O curioso é que algumas possíveis presas, nessa situação, optam por enfrentar o predador. O caburé pode não ser muito intimidador, devido ao tamanho, mas é um reconhecido caçador de aves. Em um encontro desse tipo, os sanhaços exibem comportamentos que vão de vocalizações de alarme a bater de asas e voos rápidos. Esse comportamento é denominado *mobbing*, termo inglês ainda sem tradução em português. Nem sempre, porém, os pássaros se restringem a essa barulhenta exibição de raiva. Outras aves podem se reunir aos incomodados sanhaços e, juntos, afugentarem o temido predador. Essa variação inata de personalidade pode representar uma estratégia de sobrevivência interessante para os animais.

Observações como essas têm sido feitas por ornitólogos, por todo o mundo, com os mais variados tipos de predadores. O caburé chamou nossa atenção por ser uma coruja comum e por atrair muitas aves com seu canto, embora fosse de se esperar que a vocalização de um predador afugentasse suas possíveis presas. Por ser reconhecidamente um predador de aves, inspira em outras espécies a coragem para que protejam seus ninhos e a si próprios. Os autores fizeram um levantamento das espécies de aves atraídas

FOTOS GUSTAV SPECHT

PAULO FLEIS/SANBAPHOTO





pelo canto do caburé e chegaram ao espantoso número de mais de cem. E acreditam que há mais.

Já se observou mais de meia hora de gritos, alarmes e bater de asas com o objetivo de afugentar apenas um caburé. Esse comportamento é exibido não só por pássaros pequenos, o que seria natural, já que essa coruja tem apenas 17 cm. Observamos até um pica-pau-verde-barrado (*Colaptes melanochloros*), com cerca de 28 cm de comprimento, bastante irritado com um caburé. Nessa oportunidade, o pica-pau estava a poucos centímetros da coruja e eriçava seu topete, abria as asas e a cauda, atitude acompanhada por uma série de gritos e alarmes de dois sanhaços-cinzentos, um bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*) e um macho de saíra-amarela (*Tangara cayana*). Dessa vez, eles conseguiram espantar a corujinha.

O fato de presas em potencial serem atraídas por cantos de predadores é algo curioso. Matutos, ornitólogos, fotógrafos e amantes da natureza aproveitam-se desse fato e imitam o caburé com a intenção de atrair outras aves para observá-las ou admirá-las. Infelizmente, essa tática também é usada por caçadores e traficantes de animais.

Cabe, então, uma pergunta: por que uma presa enfrenta um predador? Uma ave de poucos centímetros, como um beija-flor, pode chegar a ponto de atacar um predador muitas vezes maior do que ele. É comum observar, nas cidades e no campo, bem-te-vis atacando gaviões-carrapateiros (*Milvago chimachima*), com voos rasantes e bicadas incessantes. Esse gavião, visivelmente bem maior que o bem-te-vi, pode se virar e atacá-lo. Pássaros que tomam essa atitude contra inimigos maiores são corajosos? Pode-se dizer que até demais. Mas nem sempre essas aves valentes obtêm sucesso. Em muitos casos os predadores, como o caburé, aproveitam-se dessa sequência de ataques e exibições para capturar seu almoço.

A tática das aves não tem nada a ver com a luta de Davi e Goliás, e sim com a chamada estratégia de diluição. Isso significa que, para um caburé, um pássaro se exibindo para ele representa uma chance em uma de capturar uma presa. No entanto, se esse predador está cercado por cinco aves furiosas, por exemplo, as chances passam a ser de uma em cinco. Dificilmente a coruja efetuará um ataque com baixas probabilidades. Assim, todas as presas

têm as chances de predação diminuídas.

No entanto, como diz o ditado, “um dia é da caça, outro do caçador”. O caburé pode se aproveitar de voos desgovernados e cantos estridentes para escolher, em meio às aves que tentam afugentá-lo, a sua refeição. Esta pode até ser uma ave maior que essa coruja. Como esses embates são comuns e podem ser facilmente observados, a relação entre o caburé e suas potenciais presas é um ‘prato cheio’ para pesquisas na área da etologia, a disciplina que estuda o comportamento animal.

Altruísmo ou egoísmo?

Por que uma presa enfrenta um predador? A resposta para essa pergunta ainda é incompleta. Pode-se dizer que esta seria uma atitude egoísta: assim, cada ave estaria defendendo seu ninho, seu território e suas próprias penas. Logo, pode-se imaginar que as aves – e as espécies – ajudam umas às outras, mas com interesses egoístas. Sabe-se que os animais exibem uma personalidade individual que influencia em seus comportamentos perante diversas situações. Segundo a teoria da seleção natural, a flexibilidade das espécies é uma das melhores estratégias para a sobrevivência e a reprodução.

Por outro lado, há estudos que sugerem que esse comportamento de ajuda mútua pode ser altruísta. As aves migratórias, por exemplo, exibem essa mesma atitude diante de um predador só visto na época reprodutiva, quando estão muito longe do local onde passam a maior parte do ano. É comum aves migratórias construir seus ninhos perto das áreas onde as aves residentes também nidificam, o que parece indicar que as aves visitantes participam das reações coletivas à presença do predador para criar um vínculo de proteção mútua entre os indivíduos que têm seus ovos ou filhotes no mesmo local. Assim, quando um predador é detectado, qualquer ave, seja visitante ou residente, está incumbida de ligar o alerta vermelho e avisar que chegou um visitante indesejado. ■

SUGESTÕES PARA LEITURA

KREBS, J.R. & DAVIES, N.B. *Introdução à Ecologia Comportamental*, Atheneu Editora (São Paulo), 1966.
SICK, H. *Ornitologia Brasileira*, Editora Nova Fronteira (Rio de Janeiro), 1997.